

PsittaScene Vol. 22 N. 2, Maio de 2010

Tradução por André Becker Saidenberg

Sumário

- 2 Mensagem da editora - Joanna Eckles
- 4 A mãe da necessidade – Arara-de-garganta-azul
- 6 De volta à natureza - Carlos Yamashita, Vincent Kurt Lo
- 12 O futuro por um fio – Papagaios das Ilhas Caimã
- 17 Produtos do WPT
- 18 PsittaNews & Eventos
- 19 Contatos do WPT
- 20 Psitacídeos na natureza: Papagaio verdadeiro

Mensagem da editora

O World Parrot Trust de hoje é um produto da era da informação – conectando pesquisadores, autores e nossos sócios em uma multitude de locais e linguagens. Nós podemos nunca vir a encontrar ou mesmo falar com nossos colaboradores da PsittaScene ao vivo. Eles nos contam suas histórias por meio eletrônico; mandando documentos, fotos, perguntas e respostas numa conexão invisível vindo do Peru, Austrália, Brasil e além. Karen e eu então passamos a juntar tudo entre o sul da Inglaterra e o meio oeste dos EUA como se estivéssemos do outro lado da cidade ou da sala. O mundo realmente está diminuindo tanto em termos de nossas conexões uns com os outros como em nossa pegada ecológica na terra.

O desenvolvimento humano afetou os psitacídeos em uma diversidade de maneiras. Nossa sabedoria também nos deu mais do que nunca uma maior variedade de maneiras de se conectar, compartilhar informações e mobilizar esforços para ajudar essas aves cativantes.

A tecnologia nos conecta até nossa família de representantes e tradutores trabalhando em outros países. Esses voluntários agora traduzem a PsittaScene em 7 línguas a cada edição. É reconfortante saber que tantas pessoas se preocupam com psitacídeos. Nós adoramos trazer essas histórias para você. A tecnologia também pode te auxiliar a ter uma voz ativa e nós queremos ouvi-la! O que você gostou nessa edição? O que te surpreendeu? Quais perguntas você tem ou quais explicações necessita? Mande uma mensagem por email, abra um tópico de discussão em nossos Fóruns no www.parrots.org , ou nos contate diretamente ou através de nossos representantes (página 19). Esperamos a sua participação!

Joanna Eckles

joanna@worldparrottrust.org

Em nossas capas

FRENTE: Uma palmeira enegrecida é uma prova de que houve incêndio durante uma estação reprodutiva extremamente seca no último ano. A maior parte dos psitacídeos, incluindo esse casal de Arara-de-garganta-azul (*Ara glaucogularis*), deixaram totalmente de se reproduzir. Nessa estação

houve eclosão de um de dois ovos da postura e o total da população aumentou em 14 aves (leia página 4). © Gonzalo Daniele.

VERSO: Por todo o Brasil as aves confiscadas do tráfico de aves de estimação permanecem sofrendo em centros de reabilitação porque existem poucos programas para retorná-las à natureza. Graças aos esforços de alguns poucos indivíduos essa tendência está sendo mudada. Esse Papagaio verdadeiro (*Amazona aestiva*) com rádio-collar experimenta uma fruta logo após a soltura (leia página 6). © Jamie Gilardi.

TÍTULO

O objetivo do World Parrot Trust para a criticamente ameaçada Arara-de-garganta-azul é maximizar o sucesso reprodutivo dos casais selvagens...

A mãe da necessidade, página 4.

A mãe da necessidade

Escrito por Igor Berkunsky

Alguns dizem que a “necessidade é a mãe da invenção”. Uma óbvia necessidade e o objetivo do World Parrot Trust para a criticamente ameaçada Arara-de-garganta-azul (*Ara glaucogularis*) é maximizar a reprodução de casais no meio selvagem. Nosso plano de recuperação também é bastante direto – identificar os fatores limitantes para a espécie e responder a cada um com soluções. Durante a última estação reprodutiva (2009/10) acreditamos ter alcançado o maior nível tanto em termos de manejo como de monitoramento.

Uma das primeiras limitações identificadas para as Araras-de-garganta-azul era a falta de cavidades adequadas para nidificação. Respondemos a isso colocando ninhos artificiais. Após diversas tentativas, finalmente identificamos diferentes modelos de caixas-ninho de madeira que as aves aceitavam. Tentamos caixas horizontais e verticais; de madeira e de PVC; com grandes e pequenos orifícios de entrada.

As araras mostraram interesse em quase todos os modelos, mas em grande parte fizeram postura somente nos ninhos de madeira, verticais e com grandes orifícios de entrada. Desde 2007, 4 casais utilizaram os ninhos artificiais em diversas tentativas em diferentes ocasiões. Agora instalamos caixas em todas as áreas onde as Araras-de-garganta-azul estão se reproduzindo. Os ninhos artificiais são mais seguros do que os ninhos naturais porque não inundam e tem uma menor taxa de predação. Nós ainda temos problemas com abelhas, mas descobrimos que as abelhas abandonam os ninhos artificiais especialmente os feitos de PVC, após um curto período de 2-3 meses.

As causas de falhas na nidificação têm incluído alagamento, predação e parasitismo por bernes. Nós quase já resolvemos os problemas com alagamentos ao identificar os ninhos em maior risco de inundar ao empregar furos para drenagem na parte de baixo da cavidade. Em alguns ninhos instalamos tetos para impedir a chuva de entrar. Nenhum ninho foi alagado desde 2008.

A predação tem sido historicamente a principal causa de falha na nidificação. Também foi difícil lidar com isso devido às dificuldades em identificar com certeza os predadores. Durante a última

estação reprodutiva instalamos defesas anti-predadores em todos os ninhos. Essas defesas incluíram instalar suportes de metal ao redor dos troncos das árvores e podar os ramos mais próximos.

Graças aos esforços dos voluntários, nós também mantivemos um alto nível de monitoramento diário. Para conseguir identificar os visitantes e predadores em potencial durante a noite, nessa estação reprodutiva instalamos câmeras de vigilância dentro dos ninhos. Essas câmeras revelaram a intensa atividade de outros animais dentro das cavidades de ninhos das araras. Os vizinhos mais comuns são baratas, rãs e morcegos.

Para maximizar a habilidade dos pais em proteger seus ninhos também procuramos reduzir o tempo que eles necessitavam forragear longe do ninho. Fizemos isso ao oferecer cachos de palmeiras Motacu perto de alguns dos ninhos em atividade. Esse foi o primeiro ano na história do monitoramento das Araras-de-garganta-azul com nenhum ninho sendo predado.

As bernes ainda são um problema. O único ninho que perdemos nesse ano foi devido a que os dois filhotes foram infestados pouco tempo após a eclosão. Felizmente tínhamos uma médica veterinária voluntária conosco e ela foi capaz de realizar as necropsias. Ela encontrou bernes dentro da cavidade corporal dos dois filhotes que morreram muito jovens – cinco dias após a eclosão. Nós já havíamos reportado as bernes antes, em 2007, mas elas atacaram os filhotes com 45 dias de idade. Devido a que os filhotes eram mais velhos e maiores, foi possível remover as larvas sem machucar os filhotes. Infelizmente nesse caso, o dano foi mais rápido e mais sério devido ao pequeno tamanho dos filhotes.

Outra importante causa da baixa taxa reprodutiva se deve à redução do número de filhotes. Essa redução ocorre quando os filhotes mais fracos que nascem por último, acabam morrendo porque perdem na competição com o filhote mais velho. Essa é uma consequência comum do nascimento assíncrono em muitas espécies de psitacídeos. Infelizmente, criar somente um filhote por ninhada não é ajudar realmente na recuperação das Araras-de-garganta-azul. Desde 2007, e graças à nossa intervenção, nenhum filhote morreu por causa da redução e nós aumentamos o número médio de filhotes saindo para o primeiro vôo por ninho, de um para dois. Como resultado de nosso monitoramento diário, nós identificamos os filhotes que não estão crescendo normalmente e os ajudamos ao dar alimentar suplementar. Em alguns casos nós precisamos criar na mão por uma semana.

Durante os últimos três anos, 20 outros filhotes de Arara-de-garganta-azul sobreviveram com sucesso até a idade do primeiro vôo. Nós ainda estamos vendo a maior parte dos filhotes nascidos em 2007/2008. Em metade destes casos esses jovens ainda estão com seus pais e estes pais não voltaram ainda a reproduzir novamente.

Único, o único filhote sobrevivente de 2008/09 está em cativeiro devido a uma deformidade na asa e ainda espera por uma companhia. Ele tem alguns ferimentos no peito devido às dificuldades para voar.

Ele também tem problemas para pousar e continua a receber ajuda extra e treinamento. Nossa veterinária voluntária cuida de Único e tem se concentrado em melhorar a sua dieta ao oferecer frutos da palmeira Motacu.

Todas essas ações estão fazendo uma diferença para as Araras-de-garganta-azul. Nas últimas duas estações reprodutivas nós perdemos somente um ninho a cada estação. Iremos continuar a utilizar essas técnicas para maximizar o sucesso de filhotes no futuro. Com as ações de manejo nos ninhos do meio selvagem funcionando bem, agora é a hora de incorporar mais ações para conservação. Durante os últimos dois anos nós temos trabalhado intensivamente na repatriação de alguns indivíduos de Arara-de-garganta-azul que estão nos EUA para vir até a Bolívia. Ainda estamos trabalhando através das documentações para obter uma autorização final e esperamos transferir as primeiras aves antes do final do ano.

Também precisamos compreender melhor como essa espécie está utilizando o habitat. As savanas de Beni permanecem inundadas por seis meses todos os anos, tornando impossível seguir os bandos fora do período reprodutivo. Como resultado disso não temos informações sobre a sua dispersão. Saber onde as aves estão durante o resto do ano irá nos ajudar a propor áreas protegidas para as Araras-de-garganta-azul. Esperamos nesse ano começar a utilizar um projeto de monitoramento utilizando transmissores via satélite para seguir a população.

Fotos

[1] Um filhote de Arara-de-garganta-azul de dois meses de idade é rapidamente e cuidadosamente pesado, tiram-se medidas e verifica-se o estado geral enquanto os pais observam [2]. Um jovem de 2 anos de idade [3] permanece com seus pais e suprime o estímulo reprodutivo destes durante a última estação reprodutiva. [4] Uma Arara-de-garganta-azul adulta se empoleira na beirada de uma cavidade de ninho em um troco de palmeira queimado. [5] Essa é uma família de cinco aves – uma visão rara somente documentada, e pela primeira vez, nesse projeto em Janeiro de 2008. Todos cinco permaneceram juntos como um grupo familiar até a chegada de 3 outros ovos em Janeiro de 2010. Todos os 3 filhotes eclodiram e saíram do ninho nessa estação atual reprodutiva...

Barra lateral

Estatísticas (2009-2010)

- 12 Casais de Arara-de-garganta-azul monitorados.
- 2 Casais que não se reproduziram nas últimas 2 estações reprodutivas por estarem cuidando de seus filhotes de 2 anos de idade (acima).
- 8 Ninhos com ovos.
- 20 Ovos em postura.
- 4 Ovos não eclodiram.
- 16 Filhotes eclodiram.
- 9 Filhotes saíram para o primeiro voo.
- 5 Filhotes estavam para voar em nossa última contagem em quatro ninhos.
- 2 Filhotes morreram por parasitismo por berne.

8 Estações reprodutivas que o WPT vem estudando, protegendo e apoiando as menos de 1000 Araras-de-garganta-azul selvagens que restam na natureza.

O Projeto do World Parrot Trust com as Araras-de-garganta-azul tem sido mantido desde seu lançamento em 2002 e resultou numa riqueza de conhecimento sobre as limitações da espécie na natureza e sobre as maneiras mais efetivas de aumentar a sua população.

>> www.parrots.org/bluethroats.

De volta à natureza

Por todo o Brasil, um número crescente de pessoas e organizações tem feito solturas de psitacídeos e outras aves que foram confiscadas do tráfico. Em alguns casos são espécies relativamente comuns como o Papagaio verdadeiro (*Amazona aestiva* - à esquerda), e em outros casos são ameaçados tais como os Papagaios-chauá (*Amazona rhodocorytha*).

Os dois biólogos entrevistados aqui, Carlos Yamashita e Vincent Kurt Lo, juntamente com seu colega Luiz Francisco Sanfilippo, se lançaram para tornar realidade grande parte deste trabalho como parte integrante das leis contra o tráfico no Brasil.

Carlos e Vincent têm sido por longo tempo amigos entre si e com o WPT por décadas. O seu trabalho inovador e comprometido em prol das aves do Brasil os colocou em posição de líderes nos esforços para reabilitar e libertar as aves confiscadas.

A sua experiência destaca os sérios desafios que os psitacídeos enfrentam uma vez que foram retirados da natureza. Libertar psitacídeos confiscados é uma estratégia que só traz benefícios. Cria conscientização sobre as leis e vida selvagem nacionais; abre espaço extremamente necessário para receber novas aves nos centros de reabilitação; e leva essas carismáticas criaturas de volta à natureza, freqüentemente em áreas onde antes eram abundantes.

Subtítulo

Em 3 de Março de 2010, Papagaios verdadeiros vindos da ONG Associação Bichos da Mata foram soltos na região do Pantanal. Apesar de não ser oficialmente considerada ameaçada, essa espécie é tão comum no comércio ilegal que muitos temem que as populações já estejam ameaçadas.

Reflexões de Carlos Yamashita

Como e quando você começou a trabalhar com aves confiscadas?

Apesar de que sempre vivi desde a infância na cidade de São Paulo, sempre gostei de ir a campo, tendo contato com a vida selvagem. Desde que era jovem fiz trabalhos voluntários com aves e viajava o máximo que podia para observá-las na natureza.

Trabalhar com aves confiscadas é parte do meu trabalho como funcionário do IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), onde tenho estado trabalhando desde que entrei, após a graduação na Universidade de Brasília no início dos anos 80. Após 3 anos

como diretor do Parque Nacional do Pantanal, coordenei um novo programa de anilhamento de aves migratórias no Brasil.

O programa tinha por objetivo estudar a migração das aves e ajudar na sua conservação e ainda existe até hoje. Em 1987 eu deixei o programa e comecei a trabalhar em projetos de conservação e fiscalização. O objetivo desses programas não era apenas reforçar a aplicabilidade das leis de proteção, mas também analisar o status das espécies, sua biologia e a melhor maneira de manejá-las na natureza. Alguns dos projetos mais significativos se concentraram em populações de Araras-azuis (*Anodorhynchus hyacinthinus*), Araras-azuis-de-Lear (*Anodorhynchus leari*) e Ararinhas-azuis (*Cyanopsitta spixii*).

Essas aves confiscadas vêm de casas ou de carregamentos do tráfico?

O IBAMA é uma organização federal e, portanto, seu objetivo está direcionado nas aves confiscadas em carregamentos ilegais. Dependendo da época do ano e da região, a quantidade de aves tende a ser muito grande. No entanto, no Brasil temos diferentes organizações públicas encarregadas de fazer com que as leis estaduais e municipais sobre o meio ambiente sejam seguidas. No caso de aves que estão nas casas das pessoas, a polícia estadual e municipal confiscam a ave quando há denúncias.

Quanto tempo leva para fazer com que uma ave saudável fique apta para a soltura?

Irá depender da espécie. Por exemplo, os passeriformes podem levar menos de um mês até 3 a 6 meses. Por outro lado, a reabilitação de uma arara irá levar ao menos 3 meses ou mesmo anos dependendo da condição das penas e de sua saúde.

Você é capaz de monitorar as aves após a soltura? Elas permanecem próximo ao local?

A maior parte das aves ficam próximas ao viveiro de soltura por certo período de tempo. De acordo com o que vi até agora, eu diria que 20% começam a explorar a área e pernoitar fora do aviário imediatamente após a soltura. Algumas deixam a área imediatamente.

O monitoramento e a manutenção do registro das aves da soltura é um processo difícil e custoso. Nós começamos as solturas oficialmente em 2005 ao inaugurar um protocolo técnico com os requerimentos mínimos para a criação de uma área de soltura e para as próprias solturas. No mesmo ano, o IBAMA coordenou a soltura de aves de diversas espécies em uma área na Bahia. Desde então, o IBAMA tenta manter informações atualizadas sobre as solturas e seus resultados.

Também é importante mencionar que um dos requerimentos do protocolo técnico é que cada uma das áreas de soltura tem que enviar relatos de tempos em tempos para o IBAMA reportando o número de aves soltas e as informações dos avistamentos.

A soltura é uma ferramenta útil para ajudar tanto espécies ameaçadas como para as mais comuns?

A captura em larga escala das espécies mais comumente traficadas (*Amazona aestiva*, *Amazona amazonica*, *Ara ararauna*) pode levar ao fenômeno das “florestas vazias”. Em vista disso, porque não preencher essas florestas ao libertar psitacídeos confiscados?

Também soltar as “espécies mais comuns” é uma boa maneira de desenvolver metodologias que possam ser empregadas para espécies ameaçadas. Através desses procedimentos nós podemos aprender mais sobre a biologia da espécie – seu habitat, o meio ambiente, mudanças na paisagem, a demografia, colonização, extinção e outros fatores que possam afetar a sua sobrevivência.

As doenças infecciosas tem sido um problema para as aves confiscadas e soltas?

As doenças infecciosas em aves confiscadas são causadas por má nutrição e condições sanitárias precárias e fazem com que a reabilitação das aves leve mais tempo e custe mais. Tratar a ave adequadamente irá controlar as doenças em geral. É uma questão de fazer escolha entre tratamento e outros métodos, como a eutanásia.

No meu ponto de vista, a eutanásia é uma maneira de fechar seus olhos para um problema importante – uma solução fácil que pode não funcionar a longo prazo. Ao perder indivíduos através da eutanásia pode-se causar fortes impactos nas espécies que são sobreviventes de uma longa história evolucionária.

Os psitacídeos têm uma história ecológica bastante complexa e a maior parte das espécies Neotropicais são bastante localizadas, o que significa que a maior parte delas está bastante especializada em termos de alimento como consequência do seu habitat. São relíquias de uma sucessão paleoclimática e vegetacional. Elas perderam seu habitat devido à pressão humana e enfrentaram um forte declínio em suas populações devido ao tráfico.

Considerando a questão das doenças para as aves que vão ser soltas, eu penso numa Arara-azul, numa Arara-de-Lear e numa Arara-azul-pequena forrageando no solo de uma paisagem de savana que foi moldada por preguiças gigantes e mastodontes, besouros se alimentando do esterco da megafauna que contém sementes, bactérias, algas, vírus e a fauna “original” de nossos dias. Em tal ambiente tão complexo, os psitacídeos sobreviveram muitas ondas de doenças que apareceram e desapareceram no decorrer do tempo – e as aves ainda estão entre nós.

Minha conclusão é que as doenças são um tópico importante, mas que tem que ser consideradas em relação ao bom potencial que as solturas têm em aumentar a metapopulação, que funciona como fonte primária de psitacídeos. Além do mais, as solturas também chamam atenção para a restauração do habitat.

Os psitacídeos são predadores de sementes de árvores de crescimento lento, poucas espécies são predadoras de grama ou de sementes de gramíneas. Ao viver em uma vegetação de fase sucessional por um longo período, os psitacídeos pertencem a uma radiação evolucionária de longos períodos de tempo e, portanto tem um custo energético muito alto. No mínimo devemos ter algum respeito com esses velhos habitantes do planeta.

Você pode prever as solturas de outras espécies de psitacídeos no Brasil?

A soltura de aves depende da disponibilidade de áreas de soltura. Muitos fatores importantes devem ser levados em consideração para cada espécie. A espécie tem ocorrência naquela área em particular? A área é protegida? Existe cooperação do proprietário e da população local? Mesmo para espécies comuns como *Amazona aestiva*, selecionar uma área de soltura pode ser difícil.

Nós iremos trabalhar para soltar qualquer das espécies presentes em cativeiro se a área apropriada para soltura puder ser encontrada. Isso é especialmente verdadeiro para algumas espécies ameaçadas como o Papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) que vive em áreas montanhosas de floresta mista de Pinheiro-do-Paraná (*Araucaria angustifolia*); Nesse caso em particular, temos aves prontas para serem soltas, mas até o momento não encontramos uma área adequada.

O comércio de produtos é parte da humanidade e isso também é verdadeiro para o Novo Mundo: os Maias, as trilhas Anasazi, as cidades-estado pré-incaicas ao Império Inca, as trilhas Incas, a colonização Aruak/Caribenha através de canoas do que atualmente é conhecido como mar Caribenho desde o Rio Orinoco até o sul da Flórida.

Considerando que as atividades de comércio levaram os humanos a povoarem cada canto do planeta, podemos encontrar interações interessantes entre os psitacídeos e a humanidade, alguns dos quais são positivos. Os bosques de palmeiras feitos por humanos nos sítios arqueológicos conhecidos como “terra preta de índio”, agora estão ocupados por Araras-azuis (Sul da Amazônia e bacia do Rio Paraguai) e pela Arara-de-garganta-azul em Llanos de Mojos.

Em ambos os casos, os povoados humanos beneficiaram ambas espécies. Por outro lado, a colonização humana teve impactos negativos, como no caso da Arara-de-testa-vermelha (*Arara rubrogenys*). Durante o Império Inca quase toda a área de afluentes foram transformadas em plantações e os locais de alimentação das araras desapareceram no vale ressecado. Os humanos podem agir como “reguladores” - tanto bons quanto ruins – e depende de nós para quais escolhas ou ética iremos fazer ou seguir para o futuro dos psitacídeos, que tem uma longa história a nos ensinar.

Barra lateral

Encontro do IBAMA em São Paulo

Em 8 de Março de 2010, a autoridade ambiental do estado de São Paulo (IBAMA – SP), a Associação Bichos da Mata e o World Parrot Trust organizaram um workshop em São Paulo para reunir todos aqueles envolvidos na reabilitação e soltura de psitacídeos para que apresentassem o seu trabalho. E compartilhassem seu conhecimento e idéias. Grande parte do dia se concentrou nos métodos específicos utilizados para reabilitar e soltar aves assim como o monitoramento da sobrevivência das aves e sua reprodução após soltura.

Do World Parrot Trust estavam nosso Representante André Saidenberg e o Diretor James Gilardi, que apresentou o trabalho dos parceiros da campanha FlyFree na Indonésia, Índia, África e América Central. A equipe da PsittaScene Joanna Eckles e Karen Whitley, trabalharam juntamente com André para editar todo o conteúdo de uma publicação de 64 páginas sobre os artigos das solturas e tópicos relacionados. André realizou a trabalhosa tarefa de traduzir todos os artigos do inglês para o português a tempo para o encontro.

No final, o encontro foi extremamente produtivo com muitas trocas de conhecimento estimulantes no decorrer do dia. As oportunidades foram exploradas para desenvolver iniciativas deste tipo para novas espécies em novas áreas.

Fotos

Um grupo de pessoas se prepara antes da soltura dos Papagaios-verdadeiros, incluindo o Supervisor do IBAMA e a Secretária de Turismo do Estado de Mato Grosso, os proprietários da pousada, e membros da mídia local e internacional.

Um casal de Papagaios-verdadeiros no local da soltura no pantanal. Algumas dessas aves estiveram em reabilitação por 8 anos e laços fortes se formaram entre casais como esse.

Após a soltura, as aves se adaptam ao novo ambiente. Observe a antena do rádio-collar na ave à esquerda. A outra ave mostra visivelmente a tinta atóxica temporária utilizada para permitir o monitoramento visual após a soltura.

As ameaçadas Tiribas-grandes (*Pyrrhura cruentata*) nativas da Mata Atlântica. Um grupo solto no início dos anos 70 foram os primeiros psitacídeos confiscados já soltos no Brasil. Outra soltura está sendo atualmente planejada.

O Representante do World Parrot Trust Brasil - André Saidenberg, monitora três papagaios com rádio-collar no pós-soltura. O conhecimento sobre a sobrevivência e movimentação das aves da soltura é inestimável para o sucesso de projetos futuros.

As aves reabilitadas progridem através de múltiplos estágios de aprendizado e condicionamento e eventualmente irão ao viveiro pré-soltura na Associação.

Reflexões de Vincent Kurt Lo

Como você resumiria o problema do tráfico no Brasil?

O Brasil é um país privilegiado com muitas espécies de psitacídeos nativos. No entanto, o Brasil é atualmente incapaz de proteger essa rica biodiversidade.

Temos testemunhado a captura freqüente de algumas espécies severamente ameaçadas e endêmicas tais como o Papagaio-chauá (*Amazona rhocorytha*), Papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*) e Papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) entre outros. Apesar de que não pode-se observar o impacto imediato dessas capturas devido a que os censos populacionais demonstram uma estabilidade na população, a implicação para as gerações futuras é uma ameaça silenciosa.

O tráfico está afetando o recrutamento das gerações mais jovens e essas populações estão envelhecendo. Sem que percebamos, eles estão chegando mais próximos ao colapso devido à ausência de indivíduos jovens. Esperamos que outro exemplo tal como a Ararinha-azul não seja necessário para exemplificar essa crise. As parcerias com ONGs de outros países, como o WPT, são bem-vindas e necessárias para modificar essa situação.

Como o governo brasileiro e as ONGs trabalham juntos para enfrentar esse problema?

Somente as autoridades governamentais podem confiscar animais silvestres ilegais. Infelizmente os centros de reabilitação do governo não têm a capacidade para receber e reabilitar o enorme volume de psitacídeos confiscados. Somente no estado de São Paulo mais de 30.000 animais são confiscados a cada ano em somatória a 80.000 em outras partes do país. Um grande número desses são

psitacídeos. Portanto as ONGs são importantes tanto ao receberem animais confiscados e também para aqueles encontrados feridos ou entregues pelos cidadãos. Infelizmente as autoridades ambientais no Brasil não tornaram a soltura de animais confiscados uma prioridade.

As pessoas da região ficam animadas com psitacídeos sendo soltos próximos?

Muitos donos de terra têm consciência da importância da soltura de psitacídeos de volta à natureza e tem sido bastante solícitos mesmo quando sabem que as aves podem atacar as suas plantações. Eles gostam de dar entrevistas, e ficam bastante orgulhosos quando as autoridades ambientais visitam as suas propriedades. As áreas de soltura devem ser cuidadosamente escolhidas e os fazendeiros devem ser contatados com antecedência para certificar que eles não dependam da plantação para a maior parte dos seus lucros. Frequentemente há um grande envolvimento dos fazendeiros, familiares e vizinhos para proteger as aves da soltura, e eles relatam o avistamento de aves ou de traficantes. O IBAMA, como uma instituição é um símbolo forte que atrai atenção e reportagens da mídia.

Já houve problemas com as aves da soltura sendo capturadas ou levando tiros?

Casos de aves sendo mortas são raros. Mais frequentemente nós lidamos com pessoas que capturam as aves para serem animais de estimação. Em algumas poucas ocasiões as aves da soltura foram capturadas porque ainda estavam se acostumando com a área e ainda não haviam perdido completamente seu comportamento “domesticado”. No entanto, as pessoas que apóiam o projeto de soltura denunciaram esses atos e aqueles que haviam feito isso.

No Brasil, quão conhecidos são esses trabalhos de reabilitação e de soltura?

A grande maioria da população sabe que é ilegal possuir animais selvagens. No entanto, não existem incentivos fortes para a soltura de aves confiscadas e as notícias sobre os trabalhos de soltura e reabilitação não são difundidos. As solturas ocorrem na maior parte das vezes devido a iniciativas locais ou pessoais de alguns técnicos, centros de reabilitação e ONGs de alguns poucos estados. Não existe uma política nacional para motivar e desenvolver as solturas.

A reabilitação e soltura no Brasil ainda sofrem muitos obstáculos e preconceitos. Esses trabalhos têm falta de recursos ou da infra-estrutura mais básica na maior parte do tempo. Existe pouca consistência nos procedimentos e alguns confundem as solturas com a introdução de espécies invasoras. Também tem havido uma forte pressão nos últimos anos por parte de alguns médicos veterinários de um medo excessivo da disseminação de doenças.

Nós temos uma necessidade urgente de uma maior participação de Universidades e Zoológicos. Enquanto que as solturas são uma importante ferramenta de conservação e conscientização, o público geral desconhece que elas são uma possibilidade real. As pessoas que possuem animais selvagens ilegais frequentemente afirmam que esses não poderão sobreviver na natureza. Alguns magistrados aceitam esse argumento e decidem deixar os animais com as pessoas que na realidade estão infringindo a lei, sem saber sobre a possibilidade da reabilitação e reintrodução. Os traficantes também desconhecem esses projetos.

Esses trabalhos impedem as pessoas de capturar e traficar animais selvagens no Brasil?

Muitos projetos tem tido algum efeito incluindo as iniciativas recentes feitas pelo estado de São Paulo: áreas de soltura criadas pelo IBAMA, a reintrodução de espécies ameaçadas, publicação de resultados, compilar os resultados em periódicos, e organizar encontros com as equipes dos centros de reabilitação e das áreas de soltura. Já ocorreram reportagens na TV, mais áreas de soltura sendo registradas, pessoas entregando voluntariamente os animais para soltura, e ações de repreensão ao tráfico mais intensas. No entanto, retornar os animais à natureza é ainda um processo muito vagaroso quando se considera o número de animais confiscados.

Infelizmente, sob a legislação brasileira, as pessoas envolvidas em crimes ambientais não são presas. O máximo de penalidade são multas, mas a prisão é improvável e conseqüentemente o processo criminal é convertido em serviço comunitário. Isso acaba sendo um incentivo para que continuem capturando e vendendo animais selvagens. O trabalho de educação ambiental ainda é necessário para impedir que as pessoas tenham o desejo de possuir animais selvagens como animais de estimação. Não existem grandes incentivos de programas de educação ambiental pelo departamento de meio ambiente no governo brasileiro, que acaba combatendo somente as conseqüências e não a causa primária. Estamos tentando desenvolver uma campanha para combater o tráfico de animais selvagens, mas isso é somente através de iniciativas pessoais de alguns poucos técnicos. É por isso que precisamos de parcerias com ONGs e instituições privadas.

Eu gostaria de parabenizar o World Parrot Trust pela sua atenção especial por essa fascinante família de aves – os psitacídeos – e pelo seu apoio a projetos em muitos países. Esse trabalho vai além das fronteiras internacionais em um objetivo comum para proteção dos psitacídeos. Ele une países e profissionais de diferentes áreas para alertar as autoridades, a mídia e o público sobre a necessidade de cada indivíduo fazer sua parte – não comprar vida selvagem, denunciar o tráfico ilegal e criar incentivos para observar as aves em seu habita natural.

Fotos:

As Jandaias-sol (*Aratinga solstitialis*) são outra espécie ameaçada entre as muitas presentes na Bichos da Mata. Essas aves tem o potencial de serem soltas no estado de Roraima.

Esses incríveis Papagaios-depeito-roxo (*A. vinacea*) são candidatos para soltura na Mata atlântica.

Com exceção dos Papagaios verdadeiros, todas as espécies nessas fotos estão ameaçadas de extinção e foram confiscadas de carregamentos ilegais. Esses Papagaios-de-cara-roxa (*A. brasiliensis*) estão sendo reabilitados para soltura no sul de São Paulo.

A Bichos da mata soltou diversos Papagaios-chauá (*A. rhodocorytha*) e seus métodos estão lentamente sendo empregados em uma grande variedade de espécies no Brasil.

O futuro por um fio – Papagaios das Ilhas Caimã

Texto e fotos por Kristan D. Godbeer

Eu fui até as Ilhas Caimã como estudante de pós-graduação no começo de 2007. Uma das minhas primeiras experiências envolveu o monitoramento de papagaios na Grande Caimã – dez dias de observação de papagaios em uma ilha tropical – foi um sonho que se tornou realidade! Mas quando

passamos por um novo empreendimento imobiliário, nossa equipe de monitoramento recebeu um choque do mundo real.

Ainda que a floresta primária intocada parecesse forte e permanente, o antigo chão de calcário e grandes árvores eram facilmente destruídos pelo implacável corte de uma escavadeira. Nós observamos um casal de papagaios alimentando seus filhotes num ramo de uma imponente figueira que se debruçava sobre a recém destrozada paisagem. Eu não podia deixar de imaginar o que o futuro reservaria para essas aves. Os papagaios habitam essa floresta por milênios, mas por quanto tempo eles iriam continuar a prosperar?

As ameaças – Desmatamento

Durante os últimos trinta anos, a Ilha Grande Caimã teve um rápido crescimento populacional e desenvolvimento; por volta de metade dos 197km² de habitat da ilha foram alterados. As florestas do Norte e do Leste são os redutos atuais do papagaio, mas somente próximo de 7% da floresta tropical seca está protegida.

Em 2004 o furacão Ivan provocou uma inundação sobre grande parte da Grande Caimã. Isso proporcionou o impulso para que um novo mercado de imóveis se desenvolvesse na Ilha Caimã Brac com casas rapidamente aparecendo no platô elevado. Novas estradas e subdivisões penetraram ainda mais na floresta nos anos subseqüentes, ameaçando fragmentar o interior. Pode-se observar claramente o desmatamento similar da grande Caimã, mas a Caimã Brac é muito menor, somente 38km². E novamente, somente uma pequena porção (5%) da floresta está protegida através do Fundo Nacional das Ilhas Caimã que é proprietário da Reserva do Papagaio de Brac.

Atualmente, uma nova construção nas Ilhas Caimã não necessita legalmente uma análise de impacto ambiental. Nenhuma lei protege qualquer espécie de flora, e as florestas primárias continuam sendo derrubadas em todas as três ilhas.

>Conflitos com fazendeiros

Para os visitantes e admiradores de vida selvagem, os papagaios são aves coloridas, carismáticas e uma alegria de se observar. Para alguns residentes, no entanto, os papagaios são pestes barulhentas devoradoras de manga nos seus jardins. Os protestos que tem mais influência e mais força vêm dos fazendeiros de frutas da região. Durante a última colheita de manga, que a propósito coincidiu com as eleições, os fazendeiros começaram novamente a manifestar suas frustrações.

Essas reclamações se manifestaram em artigos em revistas, nos quais alguns fazendeiros pediram por compensações ou por abate das aves. Um sugeriu capturar os papagaios e colocá-los em grandes aviários onde os turistas pudessem vê-los. Esses artigos não foram novidade para nós que estamos acostumados com esse assunto polêmico. Mas algumas pessoas da comunidade internacional de entusiastas de psitacídeos se assustaram e se alarmaram, e como resultado a minha caixa de email se encheu rapidamente.

Os conflitos com os fazendeiros é uma preocupação bastante importante para a conservação. Apesar de serem protegidos por lei, os papagaios continuam a ser caçados. Um fazendeiro admite abertamente atirar em mais de cem a cada ano. O “problema dos papagaios” também se tornou um problema político, e até onde sei, até o momento ninguém foi processado por atirar nas aves. O

governo toma partido e está divulgando sua campanha política em aumentar o acesso das estradas até as propriedades inacessíveis para fazendeiros. Abrindo caminho até habitat primário que antes era inacessível para a agricultura irá por outro lado levar a mais conflitos com os papagaios residentes.

Existe uma verdadeira sensação de urgência nos grupos de conservação locais. Uma solução que serve aos interesses dos fazendeiros locais, e melhore a proteção e preservação dos papagaios deve ser encontrada.

Para todo fazendeiro, em qualquer parte do mundo, pode-se esperar que demonstrem animosidade em relação a “pragas” devorando os “frutos de seu trabalho”. Considerando que os fazendeiros das Caimã têm que superar condições bastante adversas para conseguir cultivar suas plantações, não é surpresa que os papagaios frugívoros são freqüentemente vistos com desprezo. Para ser justo, alguns parecem estar preparados para tentar táticas não-letais. Aparelhos para assustar foram empregados no passado, e o grupo de resgate de vida selvagem local está atualmente experimentando um novo aparelho sônico para espantar. Os papagaios, no entanto, são aves inteligentes e os fazendeiros irão ter que ser bastante proativos em variar os estímulos se quiserem evitar que as aves se habituem.

O fazendeiro, Sr. Otto Watler, um defensor local dos papagaios bastante conhecido pela preservação dos papagaios, tem uma perspectiva diferente em relação a seus companheiros mal afamados. Ele aceita que irá haver perdas nas plantações, mas sente que a natureza provê, e, portanto ele pode permitir “dar um pouco de volta à natureza, de maneira que meus filhos e netos possam ter papagaios nos céus”.

Apesar da má reputação dos papagaios, ainda existe um grau de afeto em relação à eles. Afinal, o papagaio foi votado como a Ave Nacional das Ilhas Caimã. Eles também aparecem em numerosos comerciais nas Ilhas Caimã e em souvenir para turistas. A maior parte dos visitantes espera ver um ao vivo.

>Tráfico

Muitos psitacídeos nativos das Caimã podem ser vistos nas varandas das casas. Aparentemente é uma antiga tradição possuir um papagaio das Caimã. As tradições podem freqüentemente ser vistas como direitos, e qualquer ameaça à tradição tem a tendência a causar tumulto. Mas as Ilhas Caimã mudaram. O que antes pode ter sido uma prática comum não é mais sustentável. As pessoas reconhecem que os papagaios merecem proteção e desde 1989 é ilegal ter contato direto ou possuir um.

Não obstante, os filhotes de papagaios selvagens continuam a ser retirados de seus ninhos. Os papagaios em cativeiro antes da lei de proteção atual foram enquadrados dentro da lei. Isso, juntamente com a reprodução em cativeiro sem regulamentações tem complicado as ações de fiscalização. Portanto, a responsabilidade recai sobre as autoridades legais em provar se um papagaio foi retirado da natureza, fazendo com que a lei nas condições atuais seja praticamente impossível de ser aplicada.

>Furacões

As Ilhas Caimã são freqüentemente atingidas por furacões. Em 2004 o Furacão Ivan devastou a Grande Caimã. Em 2008 tanto o Gustav como o Paloma atingiram a Ilha Caimã Brac. O Paloma se desenvolveu até a categoria quatro (230km/h), causou severos danos estruturais em muitas casas e afetou os habitat naturais – retirando a folhagem da maior parte da vegetação, e derrubando muitas árvores.

Felizmente o Departamento de Meio Ambiente (DoE) começou a monitorar a população do papagaio da Ilha Brac no verão antes desse acontecimento. Os monitoramentos seguintes confirmaram um decréscimo na população por volta de 50%, restando próximo de 250-300 aves. Os papagaios da Ilha Brac sobreviveram a três furacões de categoria 4 e a numerosos eventos desde 1932. No entanto, o atual desmatamento e outras perturbações antropogênicas podem afetar a resistência natural e dificultar a habilidade da população se recuperar sem ajuda. Infelizmente, as pessoas podem acusar os furacões como uma causa principal para o declínio dos papagaios e que está além da sua capacidade de controle, um argumento direcionado para justificar ao invés de reconhecer o efeito cumulativo das atividades humanas insustentáveis.

Por outro lado, os danos dos furacões destacam a inadequação das áreas atualmente protegidas e a necessidade de evitar que se contente com isso. A Reserva do papagaio de Brac foi severamente danificada pela tempestade, enquanto que as porções a oeste da região coberta por florestas sofreram menos danos. Os papagaios necessitam uma série de áreas protegidas por toda a Ilha Caimã Brac como uma defesa contra eventos estocásticos.

Ações para conservação > Os primeiros esforços

Os conservacionistas nas Ilhas Caimã tem estado atentos aos numerosos problemas que ameaçam os papagaios já há algum tempo. A ornitologista local, Patricia Bradley, tem feito incansáveis campanhas em favor dos papagaios desde os anos 80. Finalmente os papagaios foram retirados da lista de aves que podem ser caçadas em 1989. Isso reduziu a incidência de aves que recebem tiros, e automaticamente deu aos papagaios o status de proteção. Todas as aves selvagens estão atualmente protegidas sob nossa Lei de Proteção aos Animais.

> *Reserva dos Papagaios*

Uma associação foi formada por um grupo de residentes preocupados com a situação em 1987, e é a primeira ONG ambiental das Ilhas Caimã. Sob a lei de Associações Nacionais (1987), esse grupo pode declarar a terra sob sua tutela como intransferível. Isso protege o direito de propriedade da associação, permitindo a formação de áreas protegidas tais como a Reserva Mastic, a reserva dos papagaios na Ilha Grande Caimã.

Em 1991, o Sr. Donald Pennie doou 100 acres na Ilha Caimã Brac para a associação. Esse foi o primeiro componente do que se tornou a Reserva dos Papagaios de Brac. Outros 180 acres foram anonimamente doados em 1994, quase triplicando o tamanho da reserva. As parcelas, porém, não eram contíguas e não foi até 2005 que uma estreita faixa de terra de 85 acres conectou as duas áreas. As doações vieram do Serviço de Vida Selvagem e Pesca dos EUA (USFWS) e igualadas pelo Governo das Ilhas Caimã para garantir a compra da terra, que foi então doada à associação, consolidando a reserva.

> *Ecologia Terrestre*

Os habitantes de Caimã tradicionalmente são um povo marítimo, tirando muito do seu sustento do mar. O habitat e a falta de solo adequado tornaram a agricultura extremamente difícil para os primeiros colonos e o “mato” continua sendo visto como hostil, opressivo e um obstáculo a ser superado: o desenvolvimento tem prioridade sobre a conservação.

A história da proteção ambiental nas Ilhas Caimã é similar. O governo tem uma equipe considerável de ciência marinha e criou um sistema de áreas protegidas ativamente por patrulhas marinhas em 1986. Por outro lado, a proteção governamental dos habitats terrestres foi deixada para trás.

Felizmente, o Departamento de Meio Ambiente tem agora uma “Unidade de Ecologia Terrestre”. É relativamente novo e pequeno: composto por eu próprio e o Dr. Mat DaCosta-Cottam. Nós somos encarregados do monitoramento ambiental e proteção de todas as três Ilhas Caimã – um grande desafio para duas pessoas. Felizmente, enquanto que o tamanho de nossa equipe requer que sejamos multi-tarefas, recebemos apoio ativo de voluntários locais e parceiros de projetos, e de cientistas visitantes internacionais.

Atualmente, os “Santuários Animais” governamentais somam somente 0.5% do total de área de terras. Esses santuários proporcionam paraísos seguros para a fauna e flora das áreas alagadas, e um importante habitat para as aves migratórias riparianas. Infelizmente, até que adquiramos um manguezal e florestas contíguas, essas reservas tem pouca utilidade para os papagaios.

Alguns locais já foram designados como “Áreas Importantes para Aves” (IBAs) pela Birdlife International. Enquanto que o status de IBA destaca a importância de uma área para espécies de aves de distribuição restrita e endêmicas, a maior parte das IBAs nas Ilhas Caimã são de propriedade privada sem proteção legal. As populações de papagaios nas Ilhas Caimã são ameaçadas de extinção. Ações urgentes são necessárias para protegê-las.

Em resposta a isso, o Plano de Ação Nacional de Biodiversidade (NBAP) foi completado e inclui mapeamento preciso da vegetação nas três ilhas juntamente com Planos de Ação para Espécies para as espécies endêmicas, incluindo as duas populações de papagaios. Planos de manejo do habitat, um sistema de áreas protegidas, a modificação das leis de planejamento existentes, a introdução de Análises de Impacto Ambiental (EIAs), e o estímulo para manutenção da paisagem nativa nas áreas em desenvolvimento foram propostos. Um rascunho da “Lei de Conservação Nacional” está para ser aprovado desde 2000, mas ainda deve ser aceita. Uma vez que seja, essa lei irá dar aos papagaios a proteção que necessitam. Também irá facilitar a criação de um sistema de áreas protegidas administradas pelo governo.

O DoE começou uma nova pesquisa para determinar os números populacionais e proporcionar uma base para monitoramento populacional em longo prazo. Outras pesquisas irão se concentrar no grau atual da perda de habitat e nas projeções futuras. Nossos mapas de cobertura vegetal irão facilitar a quantificação de habitat adequado para reprodução e alimentação.

Os esforços futuros irão utilizar nossa pesquisa para iniciativas de conservação práticas – proteção do habitat, ninhos artificiais, melhoria de habitat de crescimento secundário, educação ambiental e pública (acesse: www.caymanparrots.com). Para combater a captura de filhotes, o DoE planeja um

período de anistia, onde os papagaios podem receber anilhas e certificados como parte de um programa de registro de aves.

Isso irá permitir um caminho para as pessoas que possuem papagaios de estimação entrarem no lado certo da lei e irá fortalecer a capacidade futura para fiscalização.

A história dos Papagaios das Ilhas Caimã é similar às histórias de muitas espécies endêmicas de ilhas. A colonização humana nas Ilhas Caimã foi um processo complexo e conflitante com muitos anos de superexploração. Em anos recentes tem se visto um lento crescimento da conscientização do público geral sobre os benefícios de um ambiente terrestre saudável e a posição que os papagaios ocupam nele. Esperamos garantir que as gerações de habitantes das Caimã continuem a aproveitar e compartilhar essas pequenas ilhas com sua vida selvagem única.

Kristan D. Godbeer é um oficial de pesquisa dentro da Unidade de Ecologia Terrestre no Departamento de Meio Ambiente das Ilhas Caimã.

Fotos

As Ilhas Caimã estão localizadas no Oeste do Caribe e consistem de três ilhas tropicais de baixo relevo: A Grande Caimã, Caimã Brac, e Pequena Caimã, As Ilhas tem passado por rápido desenvolvimento e significativa perda de habitat primário. Elas são o lar de duas populações distintas de papagaios: o Papagaio das Ilhas Caimã (*Amazona leucocephala caymanensis* – extrema esquerda) na Grande Caimã e o Papagaio da Ilha Caimã Brac (*A. l. hesternus*, à esquerda). Enquanto que grandes esforços foram feitos para garantir a proteção dessas aves, elas continuam a diminuir em números. A degradação ambiental, tráfico e falta de legislação ambiental que permita fiscalização, acabam por enfraquecer o seu status de proteção e ameaçam a continuidade de sua existência.

Um Papagaio das Ilhas Caimã fica de vigia na entrada da cavidade do ninho em uma árvore de mangue negro morta, que rapidamente forma cavidades para ninhos bastante disputadas. Os papagaios também utilizam velhos ninhos de pica-pau construídos em Palmeiras Reais que crescem ao longo das margens da floresta sazonalmente inundada.

Os furacões podem atingir dramaticamente o habitat dos papagaios e suas reservas de alimentos. A Reserva do Papagaio das Ilha Brac foi completamente arrasada durante o Furacão Paloma em 2008. Esse casal de criticamente ameaçados papagaios sobreviveram, porém menos de 300 voam livres na Ilha Caimã Brac.

Um debilitado Papagaio da Ilha Brac tenta sobreviver após o término do Furacão Paloma quando as árvores das florestas tinham poucos frutos.

Um Papagaio das Caimã se alimentando de bagas de uma bétula vermelha, uma árvore comum e importante fonte de alimento para os papagaios. Os planos de manejo de habitat nas Ilhas Caimã incluem a restauração e melhoramento do habitat nativo para beneficiar os papagaios e outras espécies.

Novidades no site parrots.org

Dicas de Especialistas para Cuidados com Sua Ave de Estimação: V. 1

A primeira de uma abrangente série, esse DVD é um recurso excelente para todo novo dono de ave de estimação. Os Drs. Scott Echols (autor de Forrageamento em Cativo) e Brian Speer (autor de Aves para Novatos e Araras) se juntaram com os maiores experts no assunto para trazer a você a primeira série de cuidados com aves ensinadas pelos melhores médicos veterinários e adestradores de aves. Apresentado em um formato fácil de seguir, esse DVD contém 88 minutos de valiosa informação para iniciantes, entre as quais:

- i Materiais para a gaiola e acessórios
- i Básico sobre nutrição de aves
- i Perigos domésticos e toxinas
- i identificando quando sua ave está doente
- i Como escolher um veterinário de aves
- i Como identificar as espécies de psitacídeos mais comumente mantidas como Pets

Um ítem que não pode faltar para todos os iniciantes ao compartilhar seus lares com um psitacídeo!

>> parrots.org/ecbc1

\$24.95 | £17.50 | €20

Camiseta da Arara-de-garganta-azul

Com uma linda e exclusiva arte e impressão de alta qualidade por Cyd Riley (fireflystudiosart.com) todos os rendimentos irão apoiar nosso projeto em andamento para conservação da Arara-de-garganta-azul.

Fabricado nos EUA pela empresa Bamboosa (bamboosa.com), essas camisetas são mais verdes do que nuca! Feitas de 70% de viscose sustentável (fibra) de bambus cultivados em fazendas e 30% de algodão orgânico, elas não são branqueadas e tem coloração natural. A fazenda é certificada pela OCIA International e as plantações de bambu são certificados pelo Selo Orgânico USDA.

A Bamboosa acredita firmemente que seus produtos são uma das melhores escolhas disponíveis para vestuário. Eles continuam a se concentrar nas melhores práticas ambientais e encorajam seus parceiros e consumidores a fazer o mesmo. “Nossa missão e objetivo é encorajar o uso de bambu porque acreditamos que é a coisa certa a fazer por diversos motivos.”

Disponível nos modelos para homens e mulheres no final de Junho.

>> parrots.org/bluestee

\$35 | £25 | €30

Fique anilhado!

Use o que acredita com nossa pulseira FlyFree TradeBand e as dê para seus amigos entusiastas de aves. Nossa nova pulseira Azul e Amarela beneficia nosso projeto da Arara-de-garganta-azul!

>> parrots.org/bluesband

10 for \$20 | £10 | €10

Parrots 2011

Fotógrafos mundialmente renomados criaram uma calendário anual de esplêndidas imagens mostrando psitacídeos em seu habitat natural.

>> parrots.org/cal2011

\$13.99 | £10 | €11.50

Em memória de John Strutt

É com grande tristeza que anunciamos o falecimento do pioneiro do vôo livre John Strutt. John modificou as vidas de muitas pessoas e fez grandes contribuições para a vida selvagem, e como um homem bastante modesto era difícil convencê-lo destas realizações. Ao contrário de qualquer outra coleção de Papagaios-do-Congo, Amazona, Araras e cacatuas, as aves de John eram mantidas em liberdade na sua casa em Cumbria, Inglaterra. Ele tinha grande alegria em ver suas aves livres e contava histórias fascinantes sobre cada indivíduo. Um herói improvável, a coragem de John em manter os psitacídeos de uma maneira diferente deve ser uma inspiração para todos nós continuarmos aprendendo e melhorando a vida das aves de estimação.

Escrito por Sam Williams.

Parabéns

Oskar Spencer Michael Reynolds

Audrey e Nick Reynolds celebram a chegada do filho de Nick e Lisa, Oskar, nascido em 3 de Maio de 2010.

PsittaNews

Parrotnews

Espécie rara encontrada

Duas espécies raras e ameaçadas foram redescobertas no Rio Maria em New South Wales, Austrália.

Os grupos de vida selvagem locais confirmaram os avistamentos do Papagaio Terrestre e do Rato-canguru-de-nariz- comprido na área ao redor do Rio Maria.

O especialista em vida selvagem do local, Bernard Whitehead capturou as imagens de ambas as espécies utilizando câmeras de infravermelho e de visão noturna. “Nós não tínhamos documentado a prova da existência do Papagaio terrestre nessa área desde os anos 70”, ele conta.

O Papagaio terrestre é aproximadamente do mesmo tamanho de uma Rosella e consegue voar, mas passa até 90 por cento do tempo na vegetação rasteira. É uma das únicas três espécies de psitacídeos no mundo que vivem no solo, a mais famosa delas é o Kakapo da Nova Zelândia. O Rato-caguru-de-nariz-comprido, um pequeno marsupial que pula, é considerado vulnerável por todo território da Austrália e raramente é visto na natureza.

Fonte: <http://au.news.yahoo.com/thewest>

Traficantes de aves na Flórida

A Comissão para Conservação de Peixes e Vida Selvagem (FWC) prendeu quatro homens da Flórida em três casos separados, devido a manutenção ilegal de aves migratórias. Os oficiais da FWC libertaram 20 aves do cativeiro – 19 Azulões-europeus (acima) e um Cardeal do norte.

Os Azulões-europeus e Cardeais-do-norte são aves migratórias que migram para o sul da Flórida no inverno. Elas são cobiçadas pela sua plumagem coloridas. Algumas migram para o norte durante a primavera, outras passam o ano inteiro no estado ensolarado.

Com os seus números diminuindo devido à perda do habitat, essas lindas aves enfrentam uma terrível ameaça adicional: o comércio de aves.

Os Azulões, protegidos pelo Ato das Aves Migratórias, são freqüentemente capturados e vendidos. A FWC continua a romper esses grupos e libertar as aves de cativeiro de volta a seus habitats naturais.

Fonte: <http://www.wctv.tv/home/headlines>

Tempestades afetam cactuas raras

Dúzias das ameaçadas Cactuas-negras-de-Carnaby foram tratadas no Zoológico e Perth após serem feridas numa violenta tempestade no final de Março. O zoológico cuidou de 23 cactuas selvagens. Quatro morreram ou tiveram que ser eutanasiadas. A maior parte dos ferimentos foram causados por granizo, com as aves tendo asas quebradas, pernas e ferimentos na cabeça e bicos. No total, 36 cactuas devem ter morrido durante a tempestade. Somente 40.000 restam devido ao avanço do desmatamento.

Encontrados somente a alguns metros desse carro, embaixo de uma árvore totalmente sem folhas, esses Lóris-arco-íris (abaixo) foram outras vítimas do mesmo granizo do tamanho de grandes bolas de golfe.

Fonte: *The West Australian e Chris Nortcott*

Parrottrips

2010 Cruzeiro dos Psitacídeos: Sul do Cariben

7 – 14 de Novembro, 2010 | Saindo de San Juan, Porto Rico

Junte-se a nós no Segundo Cruzeiro anual dos Entusiastas de Psitacídeos, um dos cruzeiros mais espetaculares para os entusiastas, e apóie a conservação de psitacídeos ao mesmo tempo. Deixe suas preocupações para trás e relaxe no Sul do Caribe e veja alguma das águas mais azuis e melhores pontos turístico do mundo inteiro. Aprenda com os seminários a bordo sobre psitacídeos dados por

especialistas e visite portos exóticos onde você poderá ter a chance de observar psitacídeos selvagens!

Tendo três excursões para a praia, os entusiastas de psitacídeos irão observar:

- i Papagaios de Porto Rico. Em porto Rico,
- i Periquitos de bochecha-parda em Aruba,
- i Papagaios-das-Ilhas-Marguerita em Bonaire,
- i Papagaio Imperial e Papagaio-de-pescoço-vermelho, e muitos outros, todos voando livres!

Com preços iniciais de USD \$765 | £532 – que incluem os seminários a bordo com Steve Martin e Steve Milpacher e a doação indo para o World Parrot Trust.

Carol Cipriano +1 570.226.2569 : baldmantravel@gmail.com : www.parrotloverscruise.com

Safári de Vida Selvagem no Pantanal: 2011

27 – a 5 de Junho, 2011. Extensão opcional até 11 de Junho.

Junte-se ao World Parrot Trust e à Tropical Nature nessa maravilhosa aventura no Brasil. O Pantanal é um deleite para os amantes da natureza com vida selvagem em abundância. É uma das maiores áreas alagadas do mundo e mais de 340 espécies de aves juntamente com uma extraordinária variedade de répteis, peixes e mamíferos, incluindo o Jacaré-do-Pantanal, Ariranhas, Tatús-canastras e Tamanduás-bandeira. Até mesmo a esquiva onça-pintada pode ser vista aqui!

: www.parrots.org/parrottrip

: liz@tropicalnaturetravel.com

' Elizabeth Sanders +1 877-888-1770